

“There should be more time like this, to sit and dream”

Louise Glück: notas sobre tempo, aceleração e comunidade

“There should be more time like this, to sit and dream”

Louise Glück: notes on time, acceleration and community

Cláudia Capela¹

RESUMO: Esta leitura propõe *A Village Life* (2009), de Louise Glück, como reflexo poético da problematização das relações estabelecidas entre tempo e comunidade. Partindo da ambiguidade inscrita no título, comentaremos o modo como, contrariando a ideia de uma pastoral idílica, a aldeia de Glück é apresentada como lugar incerto e espelho da dissolução de laços sociais e do empobrecimento da experiência. A nossa análise articula o discurso de Glück com conceitos fundamentais da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa, tida como enquadramento teórico para os sintomas de desconexão, solidão e perda de sentido evidenciados no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Glück, tempo, comunidade, aceleração social

ABSTRACT: With this essay, we propose a reading of *A Village Life* (2009), by Louise Glück, as a problematisation of the relations established between time and community. Departing from the ambiguity inscribed in the title, we analyse how, contrary to the idea of an idyllic pastoral, Glück’s village is presented as an uncertain place, one that reveals the dissolution of social bonds and the impoverishment of experience. Our analysis articulates Glück’s discourse with key concepts from Hartmut Rosa’s Theory of social acceleration, which serves as the theoretical framework for understanding the symptoms of disconnection, loneliness, and loss of meaning evidenced in the text.

KEYWORDS: Glück, time, community, social acceleration

¹ Cláudia Capela doutorou-se em Estudos Literários na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2015. Atualmente, leciona, como Adjunta convidada, na Escola Superior de Educação do Politécnico de Viseu e integra o Centro de Estudos em Letras como investigadora colaboradora. A sua área de trabalho tem sido a literatura portuguesa contemporânea, tendo vindo a escrever, sobretudo, sobre as obras de Miguel Torga, Agustina Bessa-Luís e Maria Velho da Costa. A literatura de expressão inglesa (Chimamanda Ngozi Adichie, Alice Munro, Cormac McCarthy, Louise Glück), os estudos ecocríticos e o cinema são outros focos de interesse.

A contemporaneidade, quando lida à luz da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa, revela uma dimensão intercultural implícita ao mostrar como o imperativo da velocidade se universaliza, atravessando diferentes culturas, ainda que seja experienciado de modo desigual conforme os ritmos, valores e formas de relação com o tempo próprios de cada contexto. Essa tensão entre pressões aceleratórias globais e experiências locais pode ser exemplificada em *Village Life*, de Louise Glück, em que a vida da aldeia, embora não necessariamente idealizada, mas marcada pela repetição, pela lentidão e pela memória, propõe uma reflexão quanto às diferenças na vivência do tempo e da experiência comunitária, revelando como aqueles podem resistir ou entrar em conflito com as dinâmicas modernas de mudança constante, ressignificando-as. A aldeia, figura trans-histórica e intercultural da vida comunitária, está presente em diferentes tradições sociais enquanto contraponto simbólico à abstração temporal da modernidade acelerada.

Uma Vida de Aldeia é datado de 2009. Também nesse ano foi editado o ensaio “Crítica das circunstâncias do tempo. Aceleração e alienação como conceitos-chave da crítica social”, por Hartmut Rosa (2009). Tendo vindo a dar continuidade à Teoria Crítica, Hartmut Rosa, Rahel Jaeggi, Jürgen Habermas e Axel Honneth, entre outros autores, não deixam de considerar o enquadramento histórico dos objetos como premissa basilar da Escola de Frankfurt. Se o estudo das patologias sociais (Honneth, 1994) é fundamental, também a noção de sofrimento humano, ainda que não culturalmente neutro, será “o elemento histórico-social que motiva a crítica desenvolvida pela teoria crítica (Schmidt, 2021, p. 74).

A questão da *beata vita* e dos constrangimentos humanos é tema e causa de reflexão desde a filosofia antiga, de Aristóteles e a sua concepção de *eudaimonia* até aos estóicos, para quem a boa vida dependia da adequação ao ritmo do mundo e não da sua aceleração. Na modernidade, essa problemática reaparece em Rousseau, na crítica à corrupção dos tempos sociais, e em Marx e Weber, que analisam os constrangimentos estruturais impostos pelo trabalho e pela racionalização. Louise Glück parece sensível ao tema, revisitando-o sob diversas roupagens. No livro em leitura, a aldeia é observada na sua amplitude enquanto lugar primário da comunidade e sinédoque das relações sociais. Desse modo, tanto serve o mote da problematização da aceleração e da sua influência trágica nas relações, como se assume como alegoria da possibilidade de resistência. A aldeia, sinónima de comunidade, é assim diversa e plurissignificativa. Por outro lado, a oposição aldeia/ cidade reinscreve um motivo recorrente em diversas tradições culturais, nas quais o afastamento do espaço de origem pode implicar uma fratura temporal e identitária, associando-se à experiência intercultural de deslocamento. Vejamos o longo poema “Olive Trees”, que tem como sujeito poético um homem cuja esposa anseia pela aldeia:

She loves the village – every day she misses her mother.
She misses her youth – how we met there and fell in love.
How our children were born there. She knows she'll never go back
but she keeps hoping (Glück, 2021, p. 120).

O sujeito lírico terá deixado a aldeia certo de que a natureza é *inútil e amarga* (“It’s like a trap – and you fall into it because the olive leaves,/ because they’re beautiful” (Glück, 2021, p. 123)), ainda que ciente da prisão onde se encontra: “And I tell her I know we’re trapped here” (Glück, 2021, p. 122), ou “I know things are hard here. And the owners – I know they lie/ sometimes. (Glück, 2021, p. 124).” O poema é edificado sobre construções paralelas antitéticas em torno da palavra *wall*: a natureza e a sua beleza, associadas à mulher e à sua verdade, por oposição à cidade e à mentira, vetores sob os quais o homem se situa; a parede/ muro é fator distintivo entre o interior aprisionado e o exterior aparentemente liberto, e o símbolo solar, por sua vez, diverge entre o sol estéril sobre o edifício inanimado, e o sol transfigurador e alimentício. No entender do sujeito, a proximidade à natureza, na aldeia, comporta uma dimensão trágica de reconhecimento cuja verdade, feroz, é irreparável:

In the other life, your despair just turns into silence.
The sun disappears behind the western hills –
when it comes back, there’s no reference at all to your suffering.
So your voice dies away. You stop trying, not just with the sun,
but with human beings. And the small things that made you happy
can’t get through to you anymore. (Glück, 2021, p. 124)

Assim, cabe-lhe a preferência pela comunidade urbana que, apesar de falaciosa, rasura a consciência do tempo, bem como a da beleza e verdade que a mulher encontra na rememoração do seu reduto, o que desagrega o casal, afastando-os:

(...) my wife gives up for the night, she turns her back.
Some nights she cries a little.
Her only weapon was the truth – it is true, the hills are beautiful.
And the olive trees really are like silver.

But a person who accepts a lie, who accepts support from it
because it’s warm, it’s pleasant for a little while –
that person she’ll never understand, no matter how much she loves
him. (Glück, 2021, p. 124)

No que poderia constituir uma concepção da *beata vita*, Habermas questiona as condições de comunicação entre indivíduos e comunidade (1981, 1984), averiguando também a representação democrática, pondo em causa a mera “razão instrumental” (1991), motivo de atrofio da

compreensibilidade. Embora Hartmut Rosa não rejeite a relevância da reflexão de Habermas, nem os contributos de Honneth, considera-as, porém, insuficientes para plena compreensão da modernidade tardia. Com efeito, para Rosa, o conceito de aceleração, isto é, a aceleração tecnológica, a aceleração das mudanças sociais e a aceleração do ritmo da vida (Rosa, 2022, p. 20), implica um processo que opera como força motriz do desenvolvimento moderno. A modernidade, defende Rosa, torna-se ininteligível sem uma consideração adequada desta dimensão dinamizadora. Socialmente, no seu entender, a modernidade “foi capturada por esse processo de aceleração implacável”, materializada na competição, na promessa de eternidade na realização de uma infinidade de vidas, e no ciclo de aceleração (2022, p. 36). No texto *Alienação e Aceleração*, Rosa explica que tal aceleração se pressupõe como força totalitária; o autor afirma que o progresso da aceleração social transforma o nosso regime de espaço-tempo e tem traços de onnipresença e universalidade: “atravessa tudo e abrange tudo [...] induzindo medo constante de que podemos perder a luta, de que podemos não mais conseguir manter o ritmo” (Rosa, 2022, p. 89). A consciência da velocidade ou aceleração tem fundamentos de ordem sociopolítica, embora tais imposições da velocidade dificilmente sejam reconhecidas “como socialmente construídas”, levando à consideração do tempo apenas como dado bruto e meramente natural (Rosa, 2022, p. 90). A teoria crítica da aceleração social de Rosa tenta demonstrar: “que a aceleração social diz respeito à ultrapassagem de certos limites para além dos quais os seres humanos se tornam necessariamente alienados, não apenas de suas ações, dos objetos com os quais trabalham e vivem, da natureza, do mundo social e de sua subjetividade, mas também do próprio tempo e do próprio espaço” (Rosa, 2022, p. 123). Destaca-se, então, a noção de alienação (o autor define-a, em traços genéricos, como “não querer realmente fazer o que se faz” (Rosa, 2022, p. 132) e estabelece-se diferentes mecanismos de expressão da mesma. Partindo da relação sujeito-mundo, Rosa acentua a perda de intimidade e de reconhecimento dos espaços face ao descarte fácil e imediatista, recorrendo aos *não-lugares* de Augé para o exemplificar. Se os humanos são subjetividades corporificadas e espacialmente localizadas, na era moderna, a deslocalização e o irreconhecível geram um distanciamento não meramente físico, mas afetivo (2022, p. 135). Ainda em *Alienação e Aceleração, Por uma teoria crítica da temporalidade tarso-moderna*, o autor faz referência à autoalienação e à alienação do tempo. Hartmut Rosa evoca a distinção estabelecida por Walter Benjamin entre *Erlebnissen* e *Erfahrungen* (2022, p. 140), traduzidas como vivência e experiência, sendo que a vida moderna teria empobrecido relativamente às últimas, pois implicam uma memória emocional dificilmente experimentada nos tempos acidentados da modernidade tardia, no entender do autor. Por outro lado, a subjetividade individual revela-se na carência de si e dos outros, dada a erosão dos compromissos, o que, de algum modo, evoca o pensamento de Zygmunt Bauman e a sua *modernidade líquida* (2000). Segundo Rosa, “se estamos alienados do espaço e do tempo, de nossas

experiências e ações, bem como de nossos parceiros de interação, dificilmente poderíamos evitar a sensação de uma profunda autoalienação” (2022, p. 143).

A constituição da subjetividade advém, diz-nos Hartmut Rosa, das práticas, experiências, relações interpessoais e da forma como os indivíduos se situam no espaço social e temporal, incluindo-se a sua relação com o mundo material. Cada vivência, escolha, interação ou bem adquirido constitui o fundamento das diversas narrativas identitárias possíveis. No entanto, nenhuma dessas narrativas se apresenta como conclusiva ou plenamente apropriável, o que contribui para uma sensação de instabilidade e descontinuidade na construção do *eu*. Assim, a identidade revela-se cada vez mais contingente, fragmentada e dependente de contextos múltiplos, difíceis de integrar coerentemente pelos sujeitos. Tal fragmentação pode resultar numa forma de esgotamento da subjetividade, expresso em fenômenos como o *burnout* ou a depressão, como Alain Ehrenberg sugere, citado no texto por Hartmut Rosa (2022, p. 144). A perda de um quadro estável de valores e prioridades, isto é, da “importância daquilo com que nos importamos” (Frankfurt, 1988, citado por Rosa, 2022), conduz a uma distorção profunda na relação do sujeito consigo mesmo. A alienação do mundo e a alienação de si não constituem processos dissociados, antes, manifestações complementares da mesmíssima condição, pois ambas emergem quando se interrompe aquilo que Rosa apelida de “eixos de ressonância” entre o sujeito e o mundo, rompendo-se a possibilidade de uma relação significativa, sensível e incorporada com a realidade (Rosa, 2022). Neste enquadramento, o conceito de *ressonância* é compreendido e teorizado como o conjunto de condições relacionais que possibilitam formas significativas de ligação e de resposta ao mundo.

Rosa propõe, então, uma releitura da crítica social contemporânea, argumentando que a sociedade moderna, marcada pela aceleração generalizada a nível tecnológico, social e individual, conduz a novas formas de opressão e de perda de sentido. Esta aceleração permanente gera experiências de alienação do indivíduo em relação ao tempo, aos outros, ao mundo e a si mesmo, o que nos é sugerido em “Olive Trees”. Com efeito, e retomando a leitura do poema, o sujeito poético encontra na cura das azeitonas um longo processo de ação sobre o fruto da árvore, *amargo e inútil*. Uma tal morosidade é incompatível com a prontidão da cidade, mas similar, porventura, à experiência da própria vida, que, sob uma perspectiva temporal dilatada, se torna passível de consciencialização da mortalidade:

She remembers picking the olives, who made the best brine.
I remember her hands then, smelling of vinegar.
And the bitter taste of the olives, before you knew not to eat them
fresh off the tree.
And I reminded her how useless they were without people to cure them.
Brine them, set them out in the sun. (Glück, 2021, p. 122)

As sugestões de acidez contempladas sinestesticamente no cheiro do vinagre, no gosto amargo das azeitonas, a solução salina da salmoura e o sol perpetuam um estado de maceração e exigência incompatível com a objetividade dócil e expectável da vida: “But better to be trapped/ by decent men, who even re-do the lunchroom,/ than by the sun and the hills” (Glück, 2021, p. 122). “I grew up in those hills;/ I’ll be buried there. In between, I don’t need to keep sneaking looks” (Glück, 2021, p. 121), comenta, objetivando a carga ontológica da sua recusa, quase de pendor consciente. De acordo com Rosa, os sujeitos do contexto tardo-moderno de alta velocidade apresentam dificuldades em reconciliar os diferentes horizontes temporais das suas vidas, pelo que, poder-se-ia dizer, no caso do sujeito de “Olive Trees”, o sentido mais amplo da existência parece subsumir-se nas exigências do sistema produtivo. Ao aderir a esta lógica, o sujeito evita o desconforto e qualquer tipo de ressonância que não seja enganosa. A antinomia *here/ there* fixa simultaneamente e contraditoriamente o compromisso e o imobilismo: “I take my breaks here, leaning against the wall, smoking cigarettes” (Glück, 2021, p. 120). Poderíamos associar este intervalo, essa paragem situada, ao intermeio da sua vida, à sua obnubilação, como quem recusa o outro e o mundo pela sua dificuldade. A menção à montanha, símbolo de jornada espiritual, talvez materialize a ausência de quem já partiu, assunto repetido nos poemas de *A Village Life*. Por outro lado, a aparente rarefação do que poderia ser entendido como um ritual, de sinal espiritual mais do que religioso, imiscui o sujeito numa vivência desprovida de sentido, amorfa e solitária, utilitarista. Também a recusa de reflexão declina a subjetividade, situada na vivência do tempo e do espaço, aqui limitada a um pendor instrumental quotidiano sem previsão de desígnios futuros que não seja a morte.

O que parece ler-se em *A Village Life* é justamente um fresco do resultado da síndrome alienista: o registo da solidão, do utilitarismo, da lassidão dos laços, da desintegração comunitária: é a “Avenue of Lost Time, Avenue of Liberty that ends in stone” (Glück, 2021, p. 21). De facto, nos diversos poemas, diferentes sujeitos espelham uma experiência esvaziada do tempo e do espaço. A aldeia, metáfora das relações sociais de uma comunidade, e último baluarte da reflexão consecutivamente toldada de cinismo, é ensaiada como ponto de partida para os iludidos e ponto de chegada para os desenganados. Assim, os “Afluentes/ Tributaries” sugeridos no poema com esse nome pressupõem vidas que se paralelizaram a si mesmas, incumpridas integralmente no seu âmago:

All the roads in the village unite at the fountain.
Avenue of Liberty, Avenue of the Acacia Trees –
The fountain rises at the center of the plaza;
On sunny days, rainbows in the piss pf the cherub. (Glück, 2021, p. 18)

Se lermos o espaço como tempo e a aldeia como estrutura social, o centro é para onde converge a possibilidade, o início. O “mijo do querubim” (Glück, 2021, p. 19), porém, indicia o contraste risível e escarminho face à incipiência de tal preceito quase iniciático. Extenso, o poema intercala, ainda que não rigorosamente, quadras e quintilhas, afinando para um terceto seguido de um dístico. A descrição da Avenida da Liberdade, deserta e austera, evolui da sugestão dos namorados ao casamento, estendendo-se aos filhos, à velhice, afastando-se gradualmente do centro:

[...] The fountain is for the young, who still want to look at themselves.
Or the mothers, who need to keep their children diverted.

In good weather, a few old people linger at the tables.
Life is simple now: one day cognac, one day coffee and a cigarette.
To the couples, it's clear who's on the outskirts of life, who's at
the center. (Glück, 2021, p. 18).

O ciclo da vida desespera: as mães estão cansadas, as crianças lutam, os maridos, zangados ou no trabalho. As mães, mencionadas novamente, próximas da fonte apenas por prerrogativa: “They’ re alone at the fountain, in a dark well./ They’ve been exiled by the world of hope”. E, então, “Darkness is falling/ the plaza empties. /The first leaves of autumn litter the fountain” (Glück, 2021, p. 20). O drama intimista alcança proporções universalistas, existenciais, reiteradas no transcurso irónico da toponímia: “Avenue of Lost Time, Avenue of the Liberty that ends in stone,/ not at the field’s edge, but at the foot of the mountain (Glück, 2021, p. 20). O mesmo sopé onde, provavelmente, o sujeito de “Olive Trees” será sepultado.

“Dawn”, “Noon” e “Sunset” assentam sobre o mesmo mecanismo. É o despontar, o tempo intermédio e o final, associados a marcadores físicos: o vaguear pelo prado, o queimar das folhas no quintal, o chegar a casa depois de um dia cumprido. Em “Dawn”, o dia inicia-se com a descrição de um balbucio infantil da criança que sonha: “I want my duck back” (Glück, 2021, p. 42). No entanto, “There is no duck” (Glück, 2021, p. 42), pelo que permanece qualquer ausência angustiada a que não se deu resposta nem se sabe nomear senão por uma sugestão imprecisa, musical, *my duck back*. O dia corre, é uma vida: dois amantes conhecem-se e *agora dormem perto de uma janela aberta, agora a luz entra*, mostra a pequena desordem, e *depois separam-se durante o dia*. O dia põe-se, como eles, em decadência bolorenta:

[...] the manager not satisfied with the figures he’s given,
The berries moldy under the topmost layer –

so that one withdraws from the world
even as one continues to take action in it –

You get home, that's when you notice the mold.
Too late, in other words.

As though the sun blinded you for a moment. (Glück, 2021, p. 44)

O pato assemelha-se a um qualquer *nonsense* infantil, intraduzível pela linguagem e de que a última estrofe de “Midsummer” é exemplo: um poema narrativo que relata a história de vida de tantas raparigas e rapazes da aldeia, a sua relação com o espaço comunitário prefigurado pela pedreira, quando iam nadar à noite, depois das tarefas, e se apaixonavam. A certa altura, a luz, que neste livro indicia continuamente a clareza de espírito e em simultâneo a recordação das trevas, envia mensagens das estrelas:

You will leave the village where you were born
And in another country you'll become very rich, very powerful,
But always you will mourn something you left behind, even though
You can't say what it was,
And eventually you will return to seek it. (Glück, 2021, p. 144)

A vida, que impede que nos sentemos, como afere o primo do sujeito observado em “Twilight”, justificando-a ou justificando-se enquanto pretense decisor do tempo alheio (recorde-se a ironia de se tratar do dono do moinho), numa menção subtil aos mecanismos laborais industrializados, parece assumir um perfil economicista do tempo. Segundo Rosa, quebra-se a distinção entre o privado e o público, o tempo livre de ócio e o horário de trabalho, dando origem a uma vivência linear e abstrata do tempo (Rosa, 2021, p. 309). Esse esquema temporal vigiado implica a quebra de ritmos próprios em função dos ritmos impostos. A essa relação com o mundo, de frieza, indiferença ou até repulsa, sem resposta, apelidada como alienação, ou relação de não-relação (“a relation of relationless” (Rosa, 2019, p. 184)), contrapõe-se a ressonância. As relações ressonantes implicam respostas não meramente instrumentais, quer no trabalho, quer nas experiências íntimas. Embora muito abrangente, ou pelo menos vago, e por isso discutível, o conceito de ressonância implica, antes de tudo, a relação com o mundo e a boa vida. A interpelação pelo mundo e a capacidade de o alcançar são, deste modo, aspetos fundamentais para resistir na realidade moderna.

Embora as diferentes culturas ofereçam, naturalmente, diferentes eixos de ressonância através dos seus rituais e na relação entre a comunidade e a natureza, por exemplo, é inegável a forma como Glück sublinha a falha desses eixos num contexto contemporâneo globalizado. Assim, como necessidade que ressoa dos poemas de Louise Glück, a desaceleração faz-se relevante como modo de

reinauguração de um princípio de inércia e ócio². De facto, podemos ler o texto não só como o momento de transição de um tempo para outro, mais célere, mas ainda como a percepção, irónica, de que, atendendo ao nosso contexto contemporâneo, e como bem explica Neyrat, evocando Virilio, “a aceleração leva à imobilidade, a viagem já não é uma experiência ligada a um espaço vivido, mas uma relocalização. A partir de uma certa velocidade, já nada se move – já nada de humano” (Neyrat, 2020, p. 75).

Embora não prefigure métodos empiristas com a sua proposta de ressonância, Hartmut Rosa destaca a autonomia e a criatividade, fazendo implicar não uma utopia ou fórmulas ideológicas, mas um gesto dialogante com as possibilidades delas decorrentes. Glück, tal como Rosa, não identifica critérios utópicos e reguladores, nem parece admitir que a aldeia seja lugar preferencial para realização pessoal, embora a cidade também não ofereça exatamente uma solução milagrosa. Glück exhibe, antes, as emoções penalizadoras dos sujeitos na sua experiência com o tempo, seja sob um ponto de vista universalista na consideração do tempo como um enigma esfíngico, mas também sob a perspetiva dos sujeitos contemporâneos ante uma espécie de vazio existencial frequentemente instaurado pela instrumentalização das suas vidas em função da produtividade. Como tal, a premissa de desaceleração sugerida nos poemas de Glück é válida para a superação da ordem social contemporânea, implicando um imaginário coletivo perceptível também em outros livros, nomeadamente em *Winter Recipes from the Collective* (2021). A comunidade e as relações entre os indivíduos merecem particular atenção por parte da autora, sendo facilmente identificados pela sua centralidade para a vivência relacional e para a realização pessoal ressonante. Nos seus poemas, o indivíduo nunca parece despojar-se do seu lugar social para a exploração dos seus dramas interiores, nem mesmo em situações íntimas, pondo em evidência a influência das construções discursivas sociais no espaço pessoal.

Tal alienação que a aldeia ajuda a projetar reflete os efeitos psíquicos da aceleração geológica do Antropoceno. Os estudos sobre as mudanças globais, numa perspetiva holística e interdisciplinar designada por Earth System Science, centram-se sobretudo no século XX, período marcado por uma intensificação drástica da atividade humana, conhecida como “Grande Aceleração do Antropoceno”. Este ponto de inflexão, situado nos anos 1950, revela um crescimento exponencial em várias áreas, da biologia à cultura. Naturalmente, a aceleração influi sobre o universo social, como, de resto, os autores citados anteriormente bem o demonstram. Ora, *A Village Life*, não identificando com clareza o tempo histórico, formula, pela descrição física, a possibilidade de situar o espaço-tempo algures numa zona

² A velocidade e as adversidades que lhe estão associadas tem sido objeto de abordagens antagónicas, originando propostas que advogam pela aceleração, e outras que defendem a desaceleração. Veja-se o *Manifesto Aceleracionista*, de Nick Srnicek e Alex Williams, o *Manifesto Xenofeminista*, pelo coletivo Laboria Cuboniks, a já mencionada teoria de Hartmut Rosa, o Slow Movement, a Permacultura e a Slow Education, entre outros, bem como os contributos de Paul Virilio, Frédéric Neyrat, ou Yves Citton para o estudo deste assunto.

mediterrânica pelas referências à flora e ao contexto cultural, num tempo de transição. A tranquilidade, o comunitarismo, as tradições e celebrações sazonais, de que há inúmeros exemplos, enformam tal possibilidade de leitura, podendo, assim, traduzir-se numa espécie de reminiscência que, como houve possibilidade de mencionar, não radica numa projeção utópica, mas que viabiliza a percepção do fim de uma era que se pode retratar como ocidental, tradicional, e o início da idade digital e globalizada, contestando os laços comunitários, transformando os espaços físicos, a vivência dos hábitos e do próprio tempo. A globalização, e, decerto, as marcas físicas da aceleração estariam já num horizonte muito próximo face a esta aldeia-protótipo, fronteira simbólica entre dois mundos, ainda que a aldeia global não deixe, por inerência irónica, de poder ser imaginada.

Assim, “Figs” evoca a experiência dessa transição, imiscuída nas relações íntimas:

My mother made figs in wine/ [...] Before that, there’d be chicken./ In autumn, sometimes filled with wild mushrooms. [...] I make these things for my husband,/ But he doesn’t like them./ He wants his mothers’s dishes, but I don’t make them well/. [...] He’s trying to turn me into a person I never was. [...] When we were young, it was different [...] we were in love [...] he’s tired./ Everything is hard – making money is hard [...] / He minds summer most – the sun gets to him./ Here it is merciless/ [...] It was the best time for us once./ The hours of light he came home from work -/ we’d turn them into hours of darkness [...] the light of the city come on [...] / But we didn’t sleep, we didn’t want to give up consciousness/ [...] whatever happened in that window (Glück, 2021, p. 110).

Inevitavelmente, construímos uma rede de relações: o homem que fuma nos intervalos, a sua mulher que desespera pelos rituais ancestrais, os jovens que nadavam na pedreira e regressam “but didn’t stay/ Everyone I cared about was gone, some dead, some disappeared into one of those places that don’t exist” (Glück, 2021, p. 128), ou a mulher que lava as camisas de noite no rio e se lamenta: “All the adults, they’re all dead now./ Only children are left, alone, growing old” (Glück, 2021, p. 132).

“A village life” fecha o ciclo e nomeia o livro. A mulher passeia o cão da vizinha, aguarda a morte enquanto apanha lenha, de regresso a casa:

I keep in my mind images from each walk:
monarda growing by the roadside;
in early spring, the dog chasing the little gray mice (Glück, 2021, p. 150).

Concluimos que *A Village Life* não exalta qualquer ingénua celebração da vida rural, mas constrói uma crítica à contemporaneidade velocista, visando a reflexão sobre o conceito de alienação e a dissolução das relações comunitárias. Louise Glück propõe, pelo exposto, o que se poderia ler como resistência poética à aceleração social, tanto na forma, pelo uso de linguagem minimalista e suspensão temporal, como no conteúdo, na exploração da repetição, sinalizando uma reinvenção face à solidão e

ao vazio existencial. Ao repensar a necessidade de enriquecer a vivência do tempo na sua categoria experiencial, esta aceitação prevê uma requalificação da qualidade das relações sociais.

Assim, o universalismo que emerge da poesia de Glück não se funda na uniformização das experiências nem pressupõe qualquer homogeneização cultural, mas a partilha intercultural de sintomas perante a hegemonia da aceleração. A aldeia, enquanto cronótopo trans-histórico, revela que a fratura entre o tempo do *eu* (a memória e a experiência) e o tempo do mundo (a produtividade e o sistema) é uma condição global da modernidade tardia, pelo que a resistência poética à alienação não será um exercício de nostalgia local, mas a procura de uma ressonância universal: um esforço por reaver respostas que permitam ao sujeito reconhecer-se no tempo e no outro, transformando o sofrimento da desconexão num terreno comum de crítica e reinvenção social.

REFERÊNCIAS

- Glück, L. (2021). *Uma Vida de Aldeia*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Honneth, A. (1992). *Kampf um Anerkennung*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag.
- Honneth, A. (1994), *Pathologien des Sozialen*. Frankfurt a.M.: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Rosa, H. (2004). *Beschleunigung. Die Veränderungen der Zeitstrukturen in der Moderne*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag.
- Rosa, H. (2009). *Kritik der Zeitverhältnisse. Beschleunigung und Entfremdung als Schlüsselbegriffe einer erneuerten Sozialkritik*. In: Rahel Jaeggi (Ed.), *Was ist Kritik?* (pp. 23-54. Frankfurt: Frankfurt a. M..
- Rosa, H. (2012). *Weltbeziehungen im Zeitalter der Beschleunigung*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag.
- Rosa, H. (2019), *Resonance. A Sociology of Our Relationship to the World*. Cambridge: Polity Press.
- Rosa, H. (2022). *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Schmidt, D. M. (2021). *Mobilização e Aceleração no contexto da Modernidade Tardia*. Tese de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Neyrat, Frédéric (2020). “Acelerar ou interromper? Análise estética e política dos acidentes cinéticos”. *Electra, Velocidade*. Fundação EDP. ISBN 978 972 8909 970.